DOI 10.5216/o.v17i1.43325

MEDICINA E HIGIENE NOS SÉCULOS XVIII E XIX EM PORTUGAL: TRANSFORMAÇÕES DAS SENSIBILIDADES EM RELAÇÃO AO CORPO*

MEDICINE AND HYGIENE IN THE EIGHTEENTH AND NINETEENTH CENTURY IN PORTUGAL: TRANSFORMATIONS OF THE SENSITIVITIES OF THE BODY

LA MEDICINA Y LA HIGIENE EN LOS SIGLOS XVIII Y XIX EN PORTUGAL: LAS TRANSFORMACIONES DE LAS SENSIBILIDADES EN RELACIÓN AL CUERPO

*Jean Luiz Neves Abreu***

O corpo tem sido objeto de diversos trabalhos no âmbito das ciências humanas e sociais. Antes de ser um dado natural, ele deve ser visto, conforme propõe David Le Breton (2011), como uma construção simbólica sobre o qual incide uma diversidade de saberes e representações.

Destaca-se nesse campo em particular os trabalhos no campo da história da ciência e da medicina que lidam com as formas de representações do corpo e da doença com enfoque na análise do saber médico. É nele que se insere o livro do historiador português Bruno Barreiros, *Concepções do corpo no Portugal do século* XVIII: sensibilidade, higiene e saúde pública.

Amparado na literatura de cunho higienista produzida no contexto europeu, com ênfase nos livros de matéria médica publicados em Portugal ao longo do século XVIII e nas primeiras décadas do séc. XIX, o autor busca "dar atenção à forma como os indivíduos e as populações fizeram sentido e se relacionaram outrora com o seu corpo e com os fenômenos associados à doença ou às epidemias" (BARREIROS, 2016, p. 17).

O livro aborda ao longo de seis capítulos as mudanças de sensibilidade e de saberes ocorridos em torno do corpo, manifestadas pela preocupação com a higiene individual e pública, a dietética, a aparência exterior, a medicalização das famílias, dentre outros elementos relativos à dimensão higienista.

No âmbito metodológico, além do devido cuidado no manuseio e leitura das fontes, importa mencionar as questões que o autor coloca sobre a própria construção desses textos enquanto discursos, chamando atenção para a dimensão retórica da construção do saber

---

* BARREIROS, Bruno. *Concepções do corpo no Portugal do século* XVIII: Sensibilidade, higiene e saúde pública. Lisboa: Húmus, 2016. p. 357.

** Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre e doutor pela UFMG. Área de interesse: história da saúde e da doença. E-mail: jeanluiz.na@gmail.com

médico no período, relacionada à sua dimensão pedagógica de reforma do corpo e dos costumes, abordagem bastante promissora para o entendimento da construção da medicina como saber, conforme indicam os estudos de Palmira Fontes da Costa, Kozluk (COSTA, 2011, p. 13-32; KOZLUK, 2010).

No primeiro capítulo, o autor busca mostrar como os manuais de medicina doméstica e outros impressos que circulavam em Portugal no século XVIII são lidos não somente enquanto formas de difusão de novos valores sobre o corpo, como também estratégia de afirmação de um olhar médico oficial sobre as concepções populares, compartilhadas pelos mezinheiros, bezendores e curandeiros. A apropriação de práticas consideradas supersticiosas pelos doutores, a exemplo de João Curvo Semedo, é vislumbrada como forma "discursiva que visava afinal expropriar os curadores extra-oficiais do seu campo de acção privilegiado e, desta forma, contribuir para a desacreditação destes agentes junto das populações" (BARREIROS, 2016, p. 66).

Tais questões tratadas no livro de Bruno Barreiros, sem dúvida, ajudam a compreender aspectos que estiveram presentes de um e de outro lado do Atlântico. No caso do Brasil, os textos escritos por médicos e cirurgiões no período colonial indicam um diálogo com uma cultura popular do corpo. Em relação a essa questão, estudos produzidos pelos pesquisadores no Brasil têm chamado atenção para as aproximações entre a arte médica oficial e aquela praticada por curandeiros, fossem eles indígenas, africanos ou reinóis, sem perder de vista a especificidade do sentido que tais práticas adquiriam em cada sistema cultural (NOGUEIRA, 2016; WISSENBACH, 2009; RIBEIRO, 1997).

Mais do que a essas questões, Bruno Barreiro destina sua investigação ao campo da higiene, tema de vários títulos dedicados aos cuidados de si, procurando difundir valores sobre o corpo dos indivíduos. Neste campo, vários elementos eram mobilizados, incluindo desde os cuidados relativos à aparência até os aspectos ligados à medicalização das famílias, tema do segundo e terceiro capítulos do livro.

Além dos manuais estrangeiros e da literatura médica coeva em Portugal, que circulavam com a finalidade de difundir preceitos médicos à população, Bruno Barreiros chama atenção para fontes pouco estudadas, como os diários e cadernos de notas, a exemplo de "miscelânea sobre culinária e medicina popular no século XVIII", que permitem apreender a importância que os cuidados com o corpo adquiriam para os indivíduos. Tais fontes permitem ao leitor adentrar em terreno difícil da análise para o pesquisador que lida com os documentos oficiais, que diz respeito às formas como os indivíduos comuns se apropriavam do saber médico.

O deslocamento a partir de meados do séc. XVIII das questões higienistas do corpo privado para o corpo coletivo e as preocupações com a salubridade em Portugal constituem a temática dos capítulos seguintes da obra. O autor mostra como o debate sobre a higiene adquire uma maior dimensão a partir do final desse século, com desdobramentos ao longo do Oitocentos. Segundo Barreiros, esta ênfase "decorre da própria metamorfose do conceito de espaço terapêutico verificada no século das Luzes: aberto, público e em permanente mutação [...]" (BARREIROS, 2016, p. 170). É neste contexto que se vislumbra uma maior preocupação com a higiene urbana e a salubridade dos espaços coletivos, como as prisões, os cemitérios e os hospitais.

Esse movimento é acompanhado, no caso português, pela busca de uniformização e fiscalização das práticas de saúde e repressão de práticas incorporadas ao cotidiano das populações, como os remédios de segredo e o curandeirismo. A criação da Junta do Protomedicato, em 1782, era uma das expressões desse esforço de fiscalização, visando uma reorganização do espaço clínico português em fins dos Setecentos. Entretanto, como destaca Bruno Barreiros, várias foram as resistências ao monopólio médico sobre o corpo e a cura, manifestado pelo conflito entre os profissionais de saúde e pela própria falta de adesão por parte das populações. Neste campo, o autor situa, entre o século XVIII, e o início do seguinte a atuação dos mezinheiros e dos indivíduos identificados como "charlatães" nas fontes oficiais, que atuavam principalmente nas áreas rurais.

As questões contempladas ao longo da obra decerto encontrarão recepção entre os pesquisadores no Brasil, em particular aqueles que se dedicam ao estudo das práticas mágicas e da religiosidade popular acerca do corpo. Neste sentido, cabe evidenciar a relevância do estudo de Bruno Barreiros para a compreensão dos vários elementos que ocuparam o campo da higiene e da ampliação do papel da medicina na sociedade portuguesa tendo como perspectiva mudanças de sensibilidade em relação ao corpo individual e coletivo.

Importa destacar as possibilidades de diálogo do estudo de Bruno Barreiros com a historiografia brasileira, discussão que se mostra pouco presente na obra. Além das questões relativas às concepções populares em relação ao corpo, mencionadas acima, importa salientar que a preocupação com a higiene pública e a saúde dos povos em Portugal diziam respeito não somente às populações do Reino, mas também às populações coloniais e aos escravos, temas dos quais alguns manuais de medicina e memórias produzidos ao fim do século XVIII e início do século XIX se ocupavam. Não se pode esquecer, portanto, que no período em estudo as transformações do saber médico em Portugal também tiveram desdobramentos no contexto da América Portuguesa.

De toda maneira, *Concepções do corpo no Portugal do século* XVIII: sensibilidade, higiene e saúde pública, é uma obra que vem a contribuir para a compreensão de elementos relevantes que situam as transformações em torno das sensibilidades e dos comportamentos relativos ao campo da higiene naquele período.

Referências

COSTA, Palmira Fontes da. Os livros e a ordem do saber médico: perspectiva historiográfica In: COSTA, Palmira Fontes da; CARDOSO, Adelino. (Org.). **Percursos na história do livro médico (1450-1800)**. Lisboa: Edições Colibri, 2011. p.13-32.

KOZLUK, Magdalena. "Sedulus, fidus, dignus honore, vigil": le jeu de la varietas dans la construction de la figure du médecin dans la préface médicale de la Renaissance. Rhetorica. **A Journal of the History of Rhetoric**, v. 28, n. 1, p. 52-66, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 405.

NOGUEIRA, André Luís Lima. **Entre cirurgiões, tambores e ervas:** calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (século XVIII). Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

RIBEIRO, Márcia Móises. A Ciência dos Trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

WISSENBACH, Maria Cristina. Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos luso-afro-brasileiros. In: ALGRANTI, Leila Mazan; MEGIANI, Ana Paula Torres (Org.). O *Império por escrito*: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XVIII). 1. ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2009. p. 389-406.

Recebido em 04 de outubro de 2016
Revisado em 14 de novembro de 2016
Aceito em 14 de novembro de 2016